

## O TEMPO, O EXÍLIO, A SAUDADE: “ENFIM, LEVANTOU FERRO” E “PASSAGEM DAS HORAS”

Victor Palomo<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo fazer considerações acerca do diálogo entre os temas da saudade e do exílio, caros à poesia portuguesa, a partir da análise dos poemas “Enfim, levantou ferro”, de autoria do poeta Camilo Pessanha e “Passagem das Horas”, de Álvaro de Campos. As dimensões da tragicidade e da alteridade servirão como suporte às leituras dos referidos poemas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saudade; Exílio; Pessanha; Pessoa

## TIME, EXILE, NOSTALGIA: “ENFIM, LEVANTOU FERRO” AND “PASSAGEM DAS HORAS”

**ABSTRACT:** This article aims a comparative perspective between the poems “Enfim, levantou ferro” (Camilo Pessanha) and “Passagem das Horas” (Álvaro de Campos). The author emphasizes the relations among the longing and theme of exile. The approaches of what is tragical and the otherness could help the analysis of the poems.

**KEYWORDS:** Longing; Exile; Pessanha; Pessoa

---

<sup>1</sup> Mestrando do Departamento de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa (FFLCH-USP).  
E-mail: victorpalomo@usp.br/victorpalomo@uol.com.br.

*Criação quer dizer saudade*  
(Teixeira de Pascoaes, Verbo Escuro).

No ensaio “Tempo e Poesia” (2003, p. 33-38), o crítico literário português Eduardo Lourenço habilmente faz comentários atinentes às relações entre os conceitos de poesia, tempo e saudade, os quais enfatizam o engano dos que restringem o campo semântico do termo “saudade” a uma disposição anímica complacente com o passado. Para ele, a saudade é um regresso labiríntico da sensível existência humana pelos “fios” do amor e da esperança, os quais nos conduzem ao “lar de nossa perpétua infância”, dimensão em que o esquecimento não triunfou, e o Instante (ou sua coleção sobreposta) torna-se uma criatura a que chamamos Tempo: “À segunda vez, o re-conhecimento que a Saudade manifesta é a verdadeira primeira vez, tema de nascimento e não de túmulo” (p. 35). Esse reconhecimento (saudoso) é criação (*poesis*) que tornaria obscuro todo saber não poético, premissa da constituição da consciência iluminista. Assim sendo, a saudade propõe um mundo de dis-cursos e re-cursos, uma busca do sujeito por si mesmo adiado pela experiência da linearidade do tempo e que a palavra poética faz cintilar como abertura ao Instante (Idem).

Nesse sentido, pode-se inferir que a linguagem é constituída como distância, como necessidade de suprir pessoas, coisas, ações, sendo “filha da falta e do desejo e não da plenitude e da unidade, amantes do êxtase e do silêncio” (BOSI, 1977, p.76). Dessa maneira, linguagem e saudade se irmanam specularmente, partindo da constatação de que amalgamam, de forma radicular, os semas de ausência e da esperança de presentificação (ou representação). Tal perspectiva se adensa nas situações em que se compreende o passado e a memória como matrizes da instância poética, não entendidos numa acepção linear, cronológica, mas como atualizações de dimensões inconscientes: “A épica e a lírica são expressões de um *tempo forte* (social e individual) que já se adensou o bastante para ser reevocado pela memória da linguagem (BOSI, 1977, p.132).

Relações da memória com o tempo, a melancolia, a nostalgia e a saudade constituem suas modulações. A melancolia quer o passado como passado, motivo de evocação reiterada da lírica universal. A nostalgia se fixa em objetos de desejo que são recuperáveis de forma real ou imaginária. A saudade une de forma paradoxal as duas perspectivas, sugerindo o destino errante do português imerso em uma nostalgia sem verdadeiro objeto, que tem o mar, a casa abandonada, a coroa de bruma da tristeza como imagens recorrentes. Mesmo considerando que se trata de um povo imemorialmente rural,

esse é um povo-sonhador, que recusa *a ordem do tempo, rio sem regresso*. Com a saudade, seu passado não é somente recuperado como paraíso, mas reinventado (LOURENÇO, 1999, p.14).

Com o intuito de demarcar as acepções do termo “exílio”, procuradas em intersecção ao eixo semântico da saudade, considera-se que nem todo exílio é saudoso, no sentido de promover, no sujeito que relata sua experiência de estrangeiro, uma imaginação saudosa, nostálgica ou melancólica acerca dos amores perdidos, da terra afastada, das imagens alijadas ao olhar. O exílio pode constituir, em algumas condições, um alívio, embora tal acepção mostre-se excepcional. Porém, quando a saudade é vivenciada, o sema do exílio parece estar inextricavelmente inserido em sua imaginação poética, fomentando alguns vetores caros a essa escrita. Por exemplo, os temas da infância perdida, a expulsão do paraíso, o exílio da amada, da pátria-mãe (do lugar de origem) ou ainda o distanciamento entre o poeta e a musa reverenciada e inspiradora da criatividade artística são invariavelmente confrontados com a disposição anímica do sujeito lírico saudoso.

O *pathos* do exílio e seus desdobramentos como nostalgia, saudade, estilhaçamento do eu, motivam ainda relações intertextuais com os temas do trágico e da alteridade, que conduzirão as leituras dos poemas de Camilo Pessanha e Álvaro de Campos.

### **Camilo Pessanha: “Enfim, levantou ferro”**

Os temas do exílio e da saudade mostram-se exuberantes na obra de Camilo Pessanha (1867-1926). O destino errante do ser português motiva a escrita poética saudosa em outros poetas portugueses. Por exemplo, no poema “Sôbolos Rios”, de Luís de Camões, no qual a Sião do tempo passado se reapresenta na musicalidade das redondilhas maiores do sujeito sentado em Babilônia e chorando pelo desenraizamento. O *pathos* do eu exilado é aqui possivelmente abrandado pela saudade de um tempo passado recuperado pela memória. Na poesia de Pessanha, o eu mostra-se majoritariamente voltado para si mesmo. Para esse sujeito, os tempos internos e sua aferição objetiva parecem colidir de forma inconciliável, motivando uma consciência saudosa que desconsidera a possibilidade de recuperação dos bens perdidos, pois “é a consciência de que não é possível apreender as experiências e mantê-las, não é possível incorporá-las à subjetividade” (FRANCHETTI, 2001, p.16).

O poema, cujo verso inicial é “Enfim, levantou ferro”, agrupa-se a outros escritos da seção “Poemas Inacabados” no volume *Clepsidra* os quais, escritos a lápis, foram

incorporados ao volume após a edição inicial de 1920, pois, ao que tudo indica, “nunca foram considerados, pelo próprio poeta, terminados” (FRANCHETTI, 2009, p.111- nota preliminar aos Poemas Inacabados). No poema, a despersonalização e desrealização são experimentadas pelo sujeito de um texto poético dividido em seis quadras, as quais alternam tempos verbais em terceira pessoa e metro irregular (primeira, terceira e a quinta estâncias). Nelas, observa-se o exame de consciência em primeira pessoa de um eu agônico, impotente e desejanter por uma dissolução que se anuncia iminente (segunda, quarta e sexta estâncias). A regularidade da medida em redondilha menor e a rima cruzada (procedimento utilizado em todo o poema) dão ênfase musical a este último grupo de versos, no qual um eu abúlico denuncia sua condição exilada “Que eu desde a partida/Não sei onde vou”.

A imagem do navio que parte para longe das pedras más, no qual se encontra um sujeito desterrado, alegoriza a autoimagem que o sujeito tem de si mesmo: uma embarcação desgovernada e pessimista quanto à possibilidade de reencontro com o cais de pedra original e acolhedor. Tudo agora é desassossego nesse cais de “pedras más”, o que motiva o desejo de dissolução através da imersão na água, no verso em tom de invocação: “ondas azuis do oceano, submergi-o”.

A imersão na água pode ser entendida, em cotejo com alguns textos poéticos e teorias psicológicas, como um mergulho no inconsciente ou como metáfora da morte e do renascimento. O retorno à totalidade uterina, ou um “sentimento oceânico” como define Freud um “sentimento de algo ilimitado” (FREUD, 2011, p.7), ou ainda as imagens do dilúvio como catástrofe cósmica a partir da qual renasceu a vida na Terra, constituem algumas possibilidades de amplificação dessa perspectiva evocada por Pessanha.

O dêitico “enfim” que abre o primeiro verso do poema sem título enfatiza esse cansaço e o desejo de movimento descensional (imersão na água), um mergulho na imensidão do mar como a dissolução do indivíduo no “infinito”. Provavelmente influenciado pelas ideias do filósofo sueco Swedenborg, o qual inspirou a estética simbolista como já o fizera, em outra chave de leitura, à estética romântica, o mar infinito pode ser entendido como uma descoberta. Ou a morte como comunhão e redenção entre o mundo natural e o mundo espiritual, a partir do qual o primeiro “existe e subsiste” (SWEDENBORG *apud* BALAKIAN, 1967, p. 18). Não se pode deixar de perceber, igualmente, o acento shopenhaueriano do eu abúlico e desencantado de abandonar a condição de indivíduo e se reencontrar como totalidade.

Porém, o tom pessimista de colisão em alguma rocha débil do fado azarado, que o sujeito nem sabe que traçou, parece dominar o tom dissolvido e abúlico em que o sujeito se experimenta. De tal forma exilado, ele não se reconhece no mergulho íntimo desprovido de significado ou esperança nostálgica de um retorno gratificante ou diluidor das mágoas. Até porque o motor do eu é conduzido por um agente externo, metaforizado pelo maquinista. Esse eu agônico, novamente em tom de invocação (poder-se-ia ler o verso que inicia com o substantivo “Maquinista” precedido da interjeição “Ó”), clama pela pujança libidinal de outro eu que o impulse na rota errática.

O poema fragmenta-se, perde-se nas linhas pontilhadas da quinta estrofe, como estilhaçado está o eu que termina por sucumbir à impossibilidade de definição de si, ao clamar por um “nada” que o defina. Tal perspectiva amorfa, atemporal, determina a contribuição de Pessanha, nesse poema, ao tema da saudade e do exílio, ao borrar a esperança de reencontro do navio-eu com uma rota saudosa que o conduza do lugar de exílio a um cais pertinente. O eu cindido, mareado, abandona as “cartas da derrota”, atestando a consciência da impossibilidade de reencontro com a parte amada exilada. A saudade é afecção da alma que aqui se ausenta da experiência, pois “Nem sei de onde venho”.

“A olhar da amurada”, o rastro de espuma deixado pelo navio prestes a submergir é “miragens do nada”, percepção de um deslocamento que metaforiza a o transcurso do tempo como afastamento inexorável. A memória é dor que dissolve o eu e anuncia seu destino trágico, viagem ao vazio e impossibilidade de retorno real ou imaginário (a saudade) a um porto de origem, como uma dimensão de alteridade.

### Álvaro de Campos: “Passagem das Horas”

O tempo e a dissolução do eu são temas caros ao heterônimo Álvaro de Campos, o qual traduz, no arquipélago de identidades literárias atuantes em Fernando Pessoa, a expressão da modernidade, da velocidade, do Futurismo, em suas traduções eufóricas e disfóricas. Se “J’est un outre”, como vaticinara Rimbaud em carta ao amigo Izambard (*apud* WHITE, 2008, p.56), missiva que se constitui como um dos fundamentos da poesia moderna, o poema “Passagem das Horas” mostra-se ilustrativo da dimensão cindida do sujeito da modernidade, no qual o eu lírico em nítido acento disjuntivo busca “encontrar-me”, “saber de mim”, “voltar ao lar”. Tais movimentos agônicos são denunciados por uma escrita discursiva que parte da indefinição pronominal em terceira pessoa que alude a tal

procura (e ausência): o Nada. O que é tempo condensado, fulcro das expressões de eternidade em Caeiro, é temporalidade fragmentária, múltipla, contraditória em Campos, exigindo outros “eus” para ser compreendida, como ilustra o verso desse autor acerca da voragem do tempo: “o nada vivo em que estamos”.

Poeta-chave, em língua portuguesa, da consciência trágica do homem moderno, Álvaro de Campos encarna a poética da “consciência explodida”, uma ausência de sentimento de autêntica realidade. Para Eduardo Lourenço, a fragmentação da consciência documentada na série literária desse heterônimo pessoano não o legitimaria como um “poeta do Nada”, mas coloca o leitor frente a um poeta imerso numa *atemporalidade essencial* (LOURENÇO, 1983, p.200). Na realidade, os temas do tempo e da morte já estariam presentes desde a produção adolescente de Fernando Pessoa (por exemplo, em *Alexander Search*), a qual continha o essencial do Pessoa definitivo. Contrariando a tendência hegemônica da exegese pessoana que o considera um poeta de múltiplas cronologias, Lourenço sugere pensá-lo como um poeta de escrita “*essencialmente imóvel* e, por assim dizer, *fora do tempo*” (idem, p.201).

No excerto destacado do poema “Passagem das Horas”, o eu lírico evoca o desespero do tempo que não mais amalgama uma realidade unificadora, mas expõe a consciência aos estilhaços ao acaso e ao nada. Como se percebe múltipla, variada, dispersa, tal sensação mostra-se numa dimensão vertiginosamente desintegradora, restando como possibilidades redentoras o desejo de volta ao lar e o exílio saudoso na infância-morta que edificariam o passado. Se o passado ter passado expõe o eu à sua dimensão trágica, resta mandar a vida “à merda”, turvando seu horizonte de certezas. E considerar a poesia como “processo autônomo de redenção e o próprio Nada que se invoca, ou se respira, nela abdica seu próprio sortilégio” (LOURENÇO, 1953, p.158).

O título do poema, como elemento paratextual que sugere uma dimensão para a leitura, permite perceber a aflitiva percepção de um tempo que se esvai, como sugerem os “esses” aliterativos que aceleram sua evocação (paSSagem daS horaS). A leitura escorregadia do título abre espaço para o primeiro verso de um poema escrito em metro livre, no qual o sujeito poético enfatiza seu desligamento da cadência temporal, como se percebe no caminho de adelgaçamento do verso e das consoantes dos verbos ligados ao “nada”: parte-se do fonema vibrante *pr* (prende), para a líquida (ligo) à leveza da sílaba *per* (pertença).

Seguem-se cinco versos que revelam a impossibilidade de apreensão da realidade das sensações, que tomariam o sujeito poético como condição de ratificar sua existência, “e nenhuma fica”. A conjunção aditiva parece um esforço frente à adversidade (pois poderíamos lê-la como “mas”) e ao ritmo dissoluto do tempo, com o intuito de que as sensações se subjetivem, ou seja, como se as sensações (imagens para serem moldadas pelo pensamento poético) pudessem criar linguagem e significado para a comunicação com o mundo: “A única realidade da vida é a sensação. A única realidade em arte é a consciência da sensação” (PIAI *apud* GIL, 2010, p.65).

Mas o eu poliédrico, diverso e variado revela muitas almas em si mesmo, como se muitas épocas nele se ressignificassem (ou assim tentassem), mas nenhuma parece dar a qualidade de pertencimento. Pelo contrário, o tempo, mesmo apresentado em repetições anafóricas, constitui-se como um agente de diluição, “sempre” liquefazendo-se (como apontam os verbos em gerúndio) ou em imagens de liquidez (ondas, mar, água). Imagens que suscitarão a invocação de correlatas (ou contíguas) que motivem alguma direção ou placidez que conduza à Verdade (barco, cais, águas plácidas), na qual esse eu se perceba “possível”. Ainda que em sonho!

Foucault já associara, em *A História da Loucura*, as imagens da água à insanidade e a dissolução do eu. A “Nau dos Loucos”, estranho barco que deslizava nos rios da Europa renascentista, tentava assegurar que, a serviço da ordem vigente, os loucos partissem para além da paisagem, sendo assim prisioneiros da própria partida. Encerrados num barco, sem capitão ou marinheiro que o levem a algum lugar, como roga o sujeito passageiro das horas no poema de Álvaro de Campos, o louco é, para o pensador francês, entregue à fluidez das águas e ao balanço de suas ondas: “É o passageiro por excelência, isto é, o prisioneiro da passagem... Sua única verdade e sua única pátria são essa extensão estéril entre duas terras que não lhe podem pertencer” (FOUCAULT, 1972, p. 51).

O barco, no poema, parece semanticamente próximo à *Stultifera Navis* medieval, uma vez que parece ao eu poético um condutor sobre a água do mar que se desconhece e o separa de si. “Mar” e “multidão de acaso” são explicitações das motivações inconscientes que fazem o eu passageiro de si, “indefinidamente”. O tempo escapa ao eu lírico em ondas sucessivas, deixando inarticuladas as percepções da realidade, expondo-o ao insólito do desconhecimento de si mesmo.

Porém, o barco é também a expressão de alguma força imanente que pode conduzi-lo à Verdade. Qual? A memória da infância e a saudade que são como uma canção de mãe

que embalam a percepção do passado, aldeia antiga na qual o sujeito se sente amado. Como quem volta ao lar... Não se trata exatamente de um regresso ao paraíso no sentido bíblico, mas a imaginação (ou o devaneio) da infância como matriz referencial à percepção errática do tempo e aos dissabores das imposições da moral, dos deveres, dos excessos de siso, que o fazem evocar a imagem do deus grego Atlas: “Ter profissão pesa aos ombros como um fardo pago”.

Há na obra pessoana (poética e em prosa) um acento saudoso em relação à infância, como uma estranha fixação de anular o tempo e “ir buscar o que foi através dos símbolos” (ANTUNES, 1983, p.301). Menos histórica que simbólica ou metafísica, a infância aparece no poema (aldeia antiga, da canção de mãe) por meio de imagens alusivas à pureza, inocência, ou à segurança perdidas. Até porque a vida adulta é o tempo da “rua sem siso”.

[...]

Como quem ainda é amado na aldeia antiga  
Como quem roça pela infância morta em cada pedra de muro  
E vê abertos em frente os eternos campos de outrora

A aldeia antiga é a paisagem que assossega o temor difuso de dissolução que se explicitará, versos à frente, na imagem da linha do horizonte parda aos olhos. Quer seja pensada como um condicionante do psiquismo de um povo e suas referências espaciais de segurança, quer seja uma leitura vinculada ao plano individual, a saudade da aldeia exerce fascínio por mimetizar a possibilidade de se sentir contido, como quem deseja um berço amoroso referencial. A ênfase comparativa do conhecer-se como saudade ganha aqui sua expressão mais eloquente de alteridade.

Nesse ponto, o ensimesmamento saudoso aparece acentuado por uma dimensão menos melancólica e mais prazerosa, quando o antigo e o outrora se apresentam agradáveis e dotados de tal poder imanente que sua atualização mnêmica é garantia de propiciar ao sujeito uma experiência conjuntiva, uma vívida comunhão afetiva. A saudade da infância morta é o desejo de “exílio” nesse estado amoroso da alma. Cabe aqui uma leitura que identifica a saudade como um fluxo de consciência que rerepresenta o passado acolhedor à temporalidade de agora (“como quem torna a ser recebido”).

E a saudade como uma canção de mãe a embalar flutua  
Na tragédia de o passado ter passado

As imagens da música podem evocar, de forma transcendente, espaços e tempos idealizados, sobretudo a infância perdida. O “lullaby” de que o sujeito poético sente

saudades alude a um bem irremediavelmente passado, cuja apreensão só se daria através da fantasia ou do sonho. Como se fosse necessário ser criança para escutar a música verdadeira que suaviza a rudeza, o peso e a estagnação de sua historicidade presente. Só a criança não tem saudades do paraíso porque vive nele. A música de mãe é lenitiva à dor da vida apagada pela moral, de horizontes baixos, invisíveis: “Pobre velha música/Recordo outro ouvir-te”.

O poema é finalizado com a expressão do desespero pelas incertezas de uma visão parda do mundo, mundo aparentemente imóvel, à espera de um “tumulto de ventos” que direcionem o barco da existência. Álvaro de Campos talvez traduza o imperativo pessoal de “inventar um passado nunca havido para poder habitá-lo num futuro onde só em sombra penetrará, uma pátria-Outra, mais da alma que da vida” (LOURENÇO, 1953, p.160). Assim, por acaso no mundo, exilado e saudoso, pouco a pouco, a única pátria em Pessoa será a língua portuguesa:

Isso não o extraiu do exílio que ele e o destino a meias fabricaram, mas deu-nos a nós portugueses uma consciência jamais igualada da condição humana enquanto condição exilada. Não de um Exílio meramente imaginário, mas do quotidiano, informe e ainda inacabado exílio de nós mesmos como ausentes daquela transparência pessoal e histórica que parecia dever pertencer-nos e sem cessar nos falha ou nós a falhamos (LOURENÇO,1953,p.160-161).

A saudade, dessa forma, é condição inerente à poesia portuguesa, como atestam os incontáveis textos em que o significante se apresenta com muitas nuances semânticas. Seu aspecto trágico pode dar-se, como exemplificado no texto poético de Camilo Pessanha, pela constatação da impossibilidade de retorno à terra natal, ainda que numa perspectiva imaginária. Tal fado infeliz fomentaria uma espécie de morte do eu, pois não existiria a atividade imaginativa da alma que resuta na escrita poética. A “Passagem das Horas” oscila entre o trágico e o esperançoso e propõe a imaginação da infância (ou da mãe-terra) como palco de reencontro com um eu reinventado. Uma “criação”, como quer o verso de Teixeira de Pascoaes. E que assim se constitui num “outro”.

O tema também colabora com a hipótese de que a palavra poética é saudosa das coisas. Embora considere Schiller (*apud* STAIGER, 1997, p.71) que “Se a alma fala, ah! então, já não é a *alma* que fala”, a alma pode também exprimir-se na palavra, signo que nos liga ao mundo sensível: “As palavras não são as coisas: são as pontes que estendemos entre elas e nós. O poeta é a consciência das palavras, isto é, a nostalgia da realidade real das coisas” (PAZ, 1996, p.211).

**BIBLIOGRAFIA**

- ANTUNES, A. *Saudade e Profetismo em Fernando Pessoa*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983.
- BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BALAKIAN, A. *O Simbolismo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1967.
- BOSI, A. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.
- BOTELHO e TEIXEIRA *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1986.
- FRANCHETTI, P. *Nostalgia, Exílio e Melancolia*. São Paulo: Edusp, 2001.
- FREUD, S. *O Mal-Estar na Civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- FOUCAULT, M. *História da Loucura*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.
- GIL, J. *O Devir-Eu de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio D'Água, 2010.
- LOURENÇO, E. *Tempo e Poesia*. Lisboa: Gradiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Mitologia da Saudade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Poesia e Metafísica*. Lisboa: Ed. Sá da Costa, 1983.
- PAZ, O. *Signos em Rotação*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.
- PESSANHA, C. *Clepsidra*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- PESSOA, F. *Poemas de Álvaro de Campos*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2008
- STAIGER, E. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.
- VASCONCELLOS, C. *A Saudade Portuguesa*. Lisboa: Renascença Portuguesa, 1922.
- WHITE, E. *Rimbaud A Dupla Vida de um Rebelde*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Artigo recebido em 17 de Maio de 2012.

Artigo aprovado em 19 de Junho de 2013.